

Binômio Ameaçado?

Da Importância Dialética e Pedagógica do Cinema

I — A MULHER

a) *Considerações iniciais.*

Direitos da mulher, sua condição, são temas já muito discutidos. Com erudição, competência ou frivolidade e parcialidade. O enfoque varia no tempo, no espaço e no tom, pelos que observam bem ou se prendem a preconceitos e chavões. Mulheres célebres, anônimas, “colunáveis”, seu papel político, na sociedade, na família, como força de trabalho. Sua presença junto do homem — serva ou companheira. Seu valor ontológico como “ser feminino”.¹

A mulher livre, objeto, degradada. Nas artes, na cultura e nos caminhos que trilhou ao lado do homem em 40 séculos de História. Suas reivindicações, o “women’s lib”, movimentos em prol do aborto (legalizado em 40 países) etc. Aspectos já estudados por especialistas — sociólogos, filósofos, juristas, psicólogos. Não vamos nos perder na floresta.

Preferimos o caminho do bosque, apreciando de perto algumas árvores, folhagens e raízes. Deixamos o balanço final com o leitor. Aliás, qualquer mulher poderá identificar-se, em algum ponto, com persona-

gens de livros e filmes — de Machado, Balzac, Flaubert, Bergman, Wyler, Antonioni, Truffaut etc. Tomaremos, mais uma vez, o caminho da ilustração fílmica. Como o cinema a vê em algumas obras, sob certo ângulo dignas de destaque. Segundo diferentes culturas e a visão de seus autores.

Quem sabe poderemos tirar conclusões sobre as conquistas modernas, seus melancólicos desvios — o que a mulher e o homem realmente lucraram, ou perderam...

Já em 1966 Rachel de Queiroz escrevia sobre as primeiras conquistas da mulher: "Os homens abriram as portas da torre de marfim. Soltaram as princesas cativas, deixaram-nas trabalhar a seu lado. Não era isso que elas queriam? E alguns até exageraram, como os russos; na terra deles, hoje em dia, o trabalho pesado, desde varrer rua até britar pedra, é trabalho de mulher. Assim a mulher tem a sua igualdade".²

A explosão da mão-de-obra feminina continua em muitas regiões. O cinema o mostrou. Dramas, tragédias, comédias. Rostos femininos que marcaram época. Algumas ficaram conhecidas pelo sobrenome: a Falconetti (Joana D'Arc, de Dreyer, 1930), a Garbo, a Magnani do neo-realismo italiano marcado pela guerra.

Sua imagem não foi sempre a mesma. Retrato dos anos 20, 30, 40... 70... Vários perfis. Diferentes perspectivas. Escrava de coletes e preconceitos. Livre e nua, hoje.

Falava-se outrora em amor. A palavra sexo não figurava explicitamente, mas esteve sempre presente. Com Teda Bara ou Marlene em "Anjo Azul" (Sternberg, 1930). O amor agora comparece deturpado e a relação sexual (normal e anormal) é exposta com crueza. O casamento, o amor à antiga já eram... dizem alguns. Mas o cinema não prova isso quando o romantismo volta, em diferentes propostas.

Dessas contradições, do crescente desencanto, depreende-se que "o amor está doente". Desencontros, misérias conjugais e extraconjugais... enquanto o amor verdadeiro continuará fonte de inspiração e autêntica satisfação. Da sutil análise de Georges Cukor passamos ao pessimismo de Bergman, ao realismo barroco de Visconti e Rossellini.

*

1. A autora estudou alguns desses aspectos em seus livros "Eva e seus Autores" e "A Condição da Mulher" (Agir, 1956, 1965).

2. in "A Cigarra", 4-8-1966.

b) *Três filmes ilustrativos:*

1 — “*Sonata de Outono*” (1978), segundo o diretor Ingmar Bergman, propõe o tema da incomunicabilidade. Dividido como uma sonata em três tempos e dois temas — Eva e Charlotte. O drama do frustrado relacionamento mãe-filha, segundo Bergman, bastante difícil:

“...sempre achei que o relacionamento entre mãe e filha não é igual ao de pai-filho ou pai-filha. Quem sabe se por causa do tipo de educação (...) as mulheres teriam a tendência a temer, mais do que os homens, mostrar seus sentimentos de agressividade, que reprimem, embora os sintam profundamente”.

O tema da necessidade de volta ao útero acha-se também presente em “*Gritos e Sussurros*” (1972, vários prêmios),³ onde se destaca o plano da “*pietá*” em que a criada, ao calor de seu corpo, tenta trazer Agnes novamente à vida. Em “*Sonata de Outono*” Lena arrasta-se pelo chão, tentando dizer: mamãe... Ninguém a ouve.

Eva (Liv Ullmann) surge recalçada e ofuscada pela imagem da mãe (Ingrid Bergman em grande desempenho), pianista famosa que descurara o marido e as duas filhas. Lena foi completamente destruída por uma enfermidade psicossomática que a deixa parálitica e afásica. Eva cuida da irmã mais nova e convida a mãe para visitá-la, após sete anos de ausência, no presbitério onde vive com o marido, tranqüilo pastor luterano, que a ama de verdade. Perderam um filho pequeno e, como se não bastasse isso para abater o espírito de Eva, esta acusa a mãe de tê-la feito abortar quando, muito jovem, se entregara a um amor adolescente.

Charlotte parece despertar para seus erros. Mãe e filha defrontam-se e a primeira procura disfarçar sua repulsa por Lena. Tenta justificar-se. Fala de sua carreira, do segundo marido que acaba de morrer. Inconscientemente, humilha Eva que ataca de manso, implacável, numa violência crescente. Amor e ódio. Egoísmo. Rivalidades. Sadismo. Remorso. O rosto de Charlotte enlece de um plano para outro.

Bergman é um autor difícil, preocupado com problemas transcendentais (quase quarenta filmes). Alguns dividem sua obra

3. Ver da Autora “*Cinema Presença na Educação*” (Ed. Renes, 1976) “*Cinema em Debate*” (Agir). Dada a inter-relação no comportamento homem-mulher, a distinção que aqui fazemos, estudando-os separadamente, é recurso apenas didático. Raros filmes restringem-se a personagens apenas masculinos (como “*Apocalipse*”) ou femininos.

em três períodos, ou segundo os temas centrais. Na segunda fase destacam-se os filmes filosóficos. Na terceira acrescenta análises psicológicas.

Viktor, o pastor, em vão tenta comunicar-se com Eva que lhe diz: "Sou incapaz de amar". No entanto, cuida da irmã com desvelo. Ou a terá trazido para sua casa a fim de incriminar Charlotte? Gente ferida, desligada (no trem essa última, de volta, parece refeita). Miniatura de um universo maior.

Eva é uma personalidade neurótica, egoísta. Há muitas formas de egoísmo. Neuroses autodestrutivas, disfarçadas. Acusam os outros dos próprios fracassos. A necessidade física de ser amado. Lena é a condenação muda da rejeição materna. Eva não consegue perdoar.

Um filme de qualidade pode tornar-se documento psicológico abrangente pela multiplicidade dos aspectos evocados — humanos, sociais, espirituais. A visão de Bergman sobre religião é fria e pessimista:

"... vivemos na ilusão de que temos tudo. Mas em meio a essa vida plena, temos um grande vazio, a ilusão perdida de Deus. É esse vazio e tudo que os homens inventam para preenchê-lo que descrevo em meus filmes".⁴

*

2 — Mesmo um filme biográfico não poderá esgotar o tema da realidade feminina, sobretudo se o encararmos como fenômeno isolado da "condição humana" — que inclui o homem, a sociedade, os valores espirituais. Aspectos que parecem apenas "femininos" na verdade não o são, desde que o binômio homem-mulher é inseparável quanto à natureza, ao destino, à vocação de ambos. No sentido mais amplo do termo — a vocação humana.

Viver e morrer não é tudo. Exige ainda o complementar-se um através do outro, para a mútua e auto-realização, em vista da construção do mundo — segundo os materialistas — da construção do reino de Deus, conforme os valores cristãos, ou apenas para a mútua satisfação.

A literatura e o cinema trouxeram grande contribuição para a compreensão e análise do fenômeno humano, da realidade social, da afirmação feminina, do amor e sua problemática. Nesta linha

4. in "L'Express", 5-3-1964.

destacamos uma obra exemplar, tanto mais significativa por tratar-se de estudo biográfico.⁵

*

Essa coisa incrível — que uma moça, escrava ao ponto de não poder sair para comprar papel vá do velho mundo ao novo para encontrar-se com seu amante — eu o farei.

ADÈLE HUGO

A história de Adèle Hugo⁶ é o próprio anticlímax do amor e descreve a destruição da filha de Victor Hugo. Considerado um dos melhores filmes de Truffaut, baseou-se no diário de Adèle e narra a dolorosa, inútil perseguição, durante dez anos, ao volúvel tenente inglês que a seduzira ainda na Inglaterra, onde “o gênio” vivia exilado em Guernesey com a família. Sua filha foi até às Antilhas (Barbados) em busca desse amor impossível, pois o tenente logo a abandonou dizendo-lhe que não a amava.

Esse desvairado romantismo consegue fundir duas realidades — o personagem fictício e o cotidiano, que podem coexistir numa dissociação doentia em muitas pessoas. A paixão de Adèle era uma doença imaginária com origem em dados concretos não-assimilados. Tornou-se obsessão destruidora, levando-a a libertar-se do jugo da família e, ao mesmo tempo, a escravizar-se a uma paixão impossível.

Registrada em seu diário em forma de idéia fixa, marcou-a profundamente e ela termina seus dias no Asilo de Saint Mandé para doentes mentais, em 1915. Esteve aí internada quarenta anos. Nascera em 1830.

5. São quase sempre os homens que retratam a mulher. Dentre as cineastas citamos Agnes Varda, Lina Wertmuller, Carmen Santos, Ana Carolina Teixeira Soares, Maria do Rosário, Helena Solberg, Gilda de Abreu, Tânia Quaresma etc., com diferentes proposições.

6. “L’Histoire d’Adèle H.”, de François Truffaut (1975) baseado em “Le Journal d’Adèle Hugo”, de Frances Vernor Guille (1969, Ed. Mïnard) que o recolheu e recompôs. Sendo impossível analisar aqui outras obras sobre o comportamento feminino, citamos ainda: “Três Mulheres” (R. Altman, 77), “La Grande Bourgeoise” (M. Bolognini, 77), “Júlia” (F. Zinnemann, 77), “Esposamante” (M. Vicario, 78), “Interiores” (W. Allen, 78), “Cerimônia de Casamento” (Altman, 78), “Fedora” (B. Wilder, 78) “Uma Mulher Descasada” (Paul Mazurski 78), “Tess” (Polanski 79), “A Letra Escarlata” (Wim Wenders, 79), “As Irmãs Bronte” (Téchiné, 79), “Cidade das Mulheres” (Fellini, 80).

Em clima sufocante, como explica o diretor — “quase tudo filmado entre quatro paredes” — relata a história dum obstinação desesperada e dos antecedentes familiares (evocados), pois o pai gênio vivia da lembrança da outra filha, Leopoldine, afogada aos 20 anos em sua viagem de lua-de-mel.

Para Adèle sobrou o nome herdado da mãe e a fama esmagadora do pai (também ela quis tornar-se escritora), o qual não aparece na fita e escreve-lhe:

— Estou velho. Meu sonho é ver vocês todos perto de mim. Meus braços estão abertos. Volte.

Lágrimas e sofrimentos até que Adèle, na miséria, é recolhida por uma velha mestiça que, descobrindo-lhe a identidade, consegue reenviá-la à família, já demente e aniquilada. No final, através de fotografias, vemos onde ela viveu a parte mais longa de sua vida, tocando piano e escrevendo. A apoteose que foi o enterro de Victor Hugo grita contra o destino da filha, sendo difícil atribuir-se seu comportamento apenas a causas evidentes. Truffaut procura nada acrescentar aos dados conhecidos, demonstrando sua simpatia pela heroína dessa trágica paixão.

*

3 — *Muito antes da emancipação feminina uma mulher protestou.*

O filme “Pôncio Pilatos”⁷ propõe um retrato psicológico do governador da Judéia que atuou decisivamente no processo mais importante da História. Caído em desgraça sob o reinado do imperador Calígula (36 dC), Pilatos repensa sua vida e carreira, sem contudo dimensionar inteiramente sua responsabilidade. Muitos lhe concedem atenuantes e o próprio Jesus lhe disse:

“...quem me entregou nas tuas mãos é muito mais culpado”
(Jo 19,11).

Várias versões correram sobre sua morte. Ter-se-á convertido? De sua mulher Cláudia — considerada santa pela Igreja Ortodoxa — pouco se sabe e o filme recria o personagem.

Em destaque nos Evangelhos temos algumas outras que o Redentor defendeu e atendeu durante sua vida pública. Maria, a Mãe de Jesus, ocupa lugar à parte no mistério da Redenção.

O nome de Cláudia Prócula não consta do Evangelho que, no entanto, refere o que ela fez: “— E estando ele (Pilatos) sentado

7. de Irving Rapper e Gianpaolo Callegari, 1961, com Jean Marais no papel-título.

no tribunal, mandou-lhe dizer sua mulher: — Não tenhas nada com este Justo porque em sonhos, muito padecei por causa dele". (Mt 27,19).

Uma pagã mereceu figurar na Paixão do Senhor como representante do gênero feminino que se opõe à injustiça. Vinha de longe, personificando sem saber todo o mundo pagão. Vencendo o retraimento peculiar às mulheres de então — excluídas, com raras exceções, dos assuntos políticos (para Pilatos a morte de Jesus tornara-se uma questão política), adverte o marido do modo mais enérgico, à maneira dos que acreditavam em sonhos e augúrios. Podemos pensar que foi fiel à inspiração da graça — o Espírito Santo "sopra onde quer". A condenação e morte de Cristo devem tê-la abalado profundamente e, provavelmente, tornou-se mais tarde cristã.

Certos pontos merecem atenção no gosto dessa enigmática figura feminina, cuja posição e intuito são conhecidos: afastar o marido da participação de um crime cujas proporções nem podia avaliar. Representava, pois, algo mais que sua própria angústia — era um valor simbólico. Convém considerar o sentido dessa atitude.

Defendeu uma causa perdida e, sem saber, defendia também uma causa divina. O ódio e a pusilanimidade abafaram-lhe a voz. A Rainha Ester foi mais feliz na defesa de seu povo. Cláudia Prócula, em defesa do Rei de todos os povos, não foi ouvida. Não pôde evitar um deicídio.

O profundo significado desse apelo escapa a uma análise superficial. Como esposa sente-se co-responsável pelos atos do marido.

Qual a exata compreensão que teria tido de seu dever e missão junto dele ao interromper em plena sessão um julgamento público, enviando-lhe um recado claro e conciso que implicava trágicas conseqüências? Podia ter-lhe falado em particular, mas protestou de público. Era uma mulher de sua época, presa a preconceitos mas não se acobertou na fraqueza, no comodismo.

Cada palavra, gesto ou acontecimento da vida de Cristo tem um significado transcendente. Nada foi gratuito. Todos os figurantes de sua passagem pela terra tiveram uma significação, inclusive aquela que intercedeu por Ele, desafiando o poder e a lei.

*

c) *Um balanço*

A emancipação feminina será fato recente? Quantas reivindicações, responsabilidades. Onde e quando teria começado a tomar

consciência de seus direitos? Na Grécia antiga? Com a Rainha Vasti, a primeira rebelde, recusando-se a comparecer ante Assuero? (Liv. Ester, 1.12). Na Idade Moderna? Quais os limites de sua afirmação pessoal e que deveres lhe são impostos pela conquista da liberdade?

Desde que os primeiros brados feministas se fizeram ouvir no século passado⁸ muitas mudanças e reformas se verificaram no plano familiar, legislativo, trabalhista, político-social. Mas raramente atingiu-se o âmago da questão — a colocação do problema também na ordem ontológica.

Questões práticas se impõem quando sabemos quanto foi explorada como objeto sexual e força de trabalho. Seus anseios de liberdade são justos e as condições variam de região para região. A cruzada prossegue e, mesmo transcorridos cinco anos após o "Ano Internacional da Mulher" (1975), muitas chagas ainda não foram curadas. Persistem injustiças flagrantes que vários grupos e movimentos tentam neutralizar: discriminações, marginalização, explorações diversas. O resultado dessas anomalias foi a falência do homem em muitas situações pessoais e históricas, devido à opressão da mulher através dos tempos.

Sua participação na construção do mundo ainda não foi devidamente equacionada e sua influência vem se deturpando ultimamente sob novas formas (igualitarismos, revanchismos, objeto de consumo comercial).

Como prepará-la para sua missão levando em conta a autêntica vocação feminina? Toda síntese é difícil, podendo tornar os dados do problema incompreensíveis e a condição feminina abrange aspectos filosóficos, teológicos, sociais e psicobiológicos, de modo que nos aventuramos a escrever, há alguns anos, dois livros de modestas pretensões, tentando uma conceituação realística e objetiva. Em todos os planos, no mundo conturbado da década que se inicia, continuamos a ver que sua presença ainda não se fez sentir em plenitude. Apenas um exemplo:

"Se realmente todas as mulheres, movidas pelo sentimento inato que lhes faz detestar a guerra, desenvolvessem uma atividade concreta para evitar os conflitos armados, seria impossível que a coordenação de tantos esforços não atingisse seus objetivos" (Pio XII, "Acta Apostolica Sedis", XLIV, 1952, 423).

Quantas outras potencialidades inaproveitadas! Sua exclusão, durante séculos, dos interesses sociais, a desfiguração da verdadeira

8. Houve algumas que se afirmaram em épocas mais distantes.

feminilidade explicam a persistência de muitos desvios da força criadora do homem e que resultaram em males de toda sorte. O estudo de sua presença na arte e na cultura, a análise do sentido de seu "encontro" com o homem levaram muito longe nossa meditação. Podem levar-nos aos confins da graça e da eternidade, numa perspectiva bíblica e teológica.

Suas notáveis potencialidades, suas qualidades desviadas muitas vezes de sua autêntica finalidade tornam-na também responsável e, algumas vezes, um sinal de contradição. Tudo isso pode ser explicado à luz da fé, da psicologia e da evolução histórica.

Novas reflexões assim se impõem sobre sua atual atuação no plano da cultura, do trabalho e da paz. Uma pretensa "cultura livre" nada mais fez do que degradá-la. Quando altos valores são vilipendiados, que restará a uma sociedade em crise? A mulher é um deles e suas funções cumulativas de esposa, mãe, educadora, profissional, dona-de-casa, as responsabilidades sócio-políticas exigem hoje novas tomadas de posição, leis adequadas de proteção à maternidade, à infância etc. Ao mesmo tempo que:

"É indispensável que nas diversas nações se trabalhe para que a opinião pública, as leis e as instituições reconheçam o valor da missão da mulher no mundo, particularmente o valor de sua tarefa na família e na sociedade" (Magna Carta do Movimento Mundial das Mães — 6).

Uma revisão de valores no plano social e transcendente torna-se necessária, pois sendo ela um valor carismático, burilado pelo amor e pela dor, só Deus conhece a extensão da força de sua presença no tempo e na eternidade. João XXIII já apontava a ascensão da mulher como um dos três fenômenos marcantes deste século. Resta-lhe fazer suas próprias descobertas, realizar plenamente seu destino de amor, consciente de suas múltiplas, intransferíveis, responsabilidades junto do homem, com ele. A miséria, a ignorância, as condições sociais muitas vezes não o permitem.

Por outro lado, o "mistério feminino" leva-nos aos pés de uma mulher que o personifica de modo perfeito. Referindo-se a Ela, cantou o Poeta

"... a altura há atingido
além de cuja extrema não discirno..."

(Dante — Purgatório, c — XXVII — 43)

II — O HOMEM

A insatisfação, os conflitos, as neuroses parecem indicar que a liberdade, os novos padrões éticos, o progresso social e tecnológico, a liberdade sexual não foram suficientes para tornar mais felizes nem o homem nem a mulher. Que terá faltado a esse binômio ameaçado?

Um dos objetivos da Arte é o de recriar a realidade. A literatura e as artes dramáticas têm retratado, sem a frieza dos tratadas e conceituações eruditas, quase toda a problemática humana, as interrogações sociais.

Existem interessantes ensaios até sobre “a arte de viver”, “a arte de amar”, “como desenvolver sua personalidade”, como “envelhecer com alegria” etc. As neuroses, a insatisfação, angústias e temores quanto ao futuro, graves anomalias psicossociais continuam a afligir os homens.

Os temas propostos por um autor, por si sós, ajudam na compreensão de seu propósito. Alguns livros quase mudaram os rumos da civilização. Muitos filmes desvendam minuciosamente interessantes aspectos da personalidade, da sociedade, do cosmos. Poderíamos citar Ford, Visconti, Bergman, Kubrick e tantos outros que nos dão em suas obras uma chave para interpretar o comportamento social e individual (do homem e da mulher), os caminhos do amor, os mistérios da vida e da morte. Nosso confronto com a natureza (o mar, os astros, os cataclismos). Com o futuro, a sociedade ou com nós mesmos — um dos mais difíceis confrontos — ou seja, a incessante luta entre o bem e o mal, a violência, o arbítrio, a coragem da denúncia.

Em certos momentos históricos o Humanismo tentou solucionar esses últimos. Sem grande êxito. Cada uma dessas situações poderia ser analisada em diferentes filmes.

ALGUMAS PROPOSTAS

1 — *Thomas More*

Há mais de dez anos um filme enalteceu de modo singular o valor da pessoa, da consciência e da coragem, havendo recebido seis prêmios Oscar.⁹ Sua alta inspiração e excepcional qualidade dramática e formal valeram-lhe também o grande prêmio do OCIC.

9. O Homem que não vendeu sua alma — “A Man for All Seasons”, peça de Robert Bolt, filme de Fred Zinnemann, 1966. OCIC (Office Catholique International du Cinema).

Thomas Morus (ou More, 1478-1535), humanista, escritor, advogado, amigo de artistas e filósofos — Holbein pintou-lhe o retrato e Erasmo dedicou-lhe o “O Elogio da Loucura” — quis ser monge e tinha um oratório em casa. Mais tarde casou-se e teve filhos. Caído em desgraça por opor-se ao rei perde a fortuna e os clientes. Na prisão escreve livros e admiráveis cartas à sua mulher.

Chanceler de Henrique VIII, e santo da Igreja católica, foi decapitado por sua coerência ante os princípios que defendia no plano da lei e da fé. Pensador e estadista, versado na cultura greco-romana, foi membro do conselho da Inglaterra e lord-chanceler. Desagradou ao rei quando este rompe com Roma que lhe havia negado o divórcio com sua esposa, a rainha Catarina de Aragão.

Recusando-se a declarar nulo o casamento de Henrique VIII e a prestar-lhe juramento como chefe da Igreja separada da Inglaterra foi preso na Torre de Londres. Em 1866 foi beatificado pelo Papa Leão XIII e canonizado em 1935.

Escreveu “A Utopia” onde descreve um Estado ideal, inspirado talvez em Platão (“A República”). Precursor do socialismo, em 1918 foi-lhe erigida uma estátua em Moscou, certamente sendo ele o único santo católico homenageado num Estado comunista ateu.

2 — “Solaris”

“Como permanecer um homem numa situação inumana?”

Esta a pergunta que o diretor de “Solaris”¹⁰ propõe neste belo filme que alguns consideram o equivalente do pensamento materialista russo a “2001-Uma Odisséia no Espaço” de Kubrick (1968).

Contudo a posição de seu diretor não é materialista e sim humanística — o que expôs com excepcional vigor em “André Rublev”. Afirmamos mesmo perceber intenções espiritualistas em sua obra. Aqui, por exemplo, volta ele ao “Triptico da Trindade”, cuja reprodução aparece num recanto da biblioteca onde os astronautas conversam. As grandes proposições do “D. Quixote” também são evocadas na breve referência ao “sonho impossível” e que levaram tão alto as aspirações do Cavaleiro da Triste Figura.

Em “Solaris”, uma nave espacial sofre as interferências do Oceano — o cérebro monstruoso, porém não maligno — que procura

10. Andrej Tarkowski, 1971, baseado no romance de ficção científica de Stanislaw Lem (Ed. Sabiá, 1971).

comunicar-se e entender os homens, através de materializações e interferências em seu consciente e inconsciente.

As propostas duma tecnologia avançadíssima nos levam onde? perguntam os cientistas do "Solaris", forçados a uma destruidora auto-análise, como no caso de Kervin, o psicólogo, afinal assumindo seus erros.

As materializações de sua esposa, morta há dez anos e que se suicidara por desgosto; a grande crise do físico Guibarían, que também se suicida, assim como os diálogos, levam muito longe essa terrível meditação sobre os limites da ciência do universo e da capacidade do homem em enfrentá-los. Algumas respostas permanecem obscuras e belas seqüências arrastam-se numa lentidão proposital.

Trata-se, além do mais, de uma história de amor entre Kervin e Hari, a esposa sempre presente no fundo de sua consciência e que se materializa a ponto de sofrer e tentar reviver o que não pode mais entender. Sua angústia torna-se palpável em seu sacrifício final. Enquanto isso o drama dos cientistas, em luta contra elementos desconhecidos configurava-se na fala de um deles:

"Nós vamos através do cosmos preparados para tudo, a solidão, a fadiga, a luta, a morte".

O livro que inspirou Tarkowski, bem diverso dos esquemas geralmente adotados na ficção científica, mostra as possibilidades metafísicas do gênero ao abordar temas fundamentais. A realidade proposta, às vezes em tom surrealista, nunca é distorcida; pelo contrário, o lirismo poético de certas cenas alcança dimensões proféticas.

"Oceano" — o cérebro cósmico — até que ponto será uma advertência-imagem do que nos espera numa civilização cuja cultura despreza o essencial, cujos erros ameçam destruir o próprio homem? ¹¹

Outras faixas do progresso científico poderiam ser analisadas.

3 — *Síndrome da China*

O recente "*Síndrome da China*" (James Bridgen, 1979, para 14 anos) leva mais longe nosso questionamento quando mostra as possibilidades de um acidente numa usina nuclear. Preocupou os

11. Lembramos outros dois interessantes filmes no gênero — "Guerra nas Estrelas" (George Lucas, 1977) e "Contatos Imediatos do Terceiro Grau" (Steven Spielberg, 1978).

meios especializados e o grande público junto ao qual obteve êxito excepcional.

Falhas humanas, uma leve vibração, a mentira e a fraude podem ameaçar regiões inteiras...

"Síndrome da China", no jargão científico, significa a massa em fusão de um reator atômico que poderia (nos EUA) atravessar não só os elementos protetores mas o centro da Terra e atingir a China...

O filme deu a Jack Lemmon — o engenheiro nuclear — o prêmio de melhor ator em Cannes (1979) e a Jane Fonda um Oscar. Quase um documentário, mostra como se prepara uma catástrofe nuclear, a importância dos meios de comunicação e um drama de consciência para o herói do filme.

O "mocinho" aqui é o engenheiro-chefe que descobre a fraude e procura evitar o desastre. Um homem solitário confrontado ao perigo, ao sigilo profissional e à própria consciência — que prevalece e o leva a agir. Em consequência, é assassinado.

Enquanto isso a equipe de TV tenta informar as autoridades e o público. O cinegrafista (e produtor) é Michael Douglas, filho de Kirk Douglas, o herói de "Spartacus" (Stanley Kubrick, 1961) e tantos outros.

Lançado duas semanas antes do acidente nuclear de Three Mile Island, na Pensilvânia, inspirou-se no fato, também real, ocorrido em 1974 com Karen Silkwood, jovem funcionária duma usina nuclear, que morreu quando tentava levar às autoridades a denúncia sobre irregularidades na empresa.

Com tantos interesses em jogo (bilhões de dólares) a energia nuclear é arma de dois gumes. Concorre para o progresso e representa uma ameaça para a humanidade, pois traz em si mesma o germe da destruição. Qualquer falha pode deflagrá-la.

O cinema tem assim o poder de alertar ao vivo, levantar polémicas. Quando honestamente realizado (tema, forma, realização) é uma grande força.

O confronto entre o homem e a máquina (por mais sofisticada) tem de ser medido e muitas previsões falham. Há pouco tivemos o caso do *Skylab* ameaçando várias regiões da Terra.

"Síndrome da China" é um filme que honra a 7.ª Arte.

4 — “Violência e Paixão”¹² — Isolamento e fuga

Uma meditação sobre o amor e a morte numa moldura barroca. Contestado, elogiado, premiado no Festival de Valladolid (1975), vaiado em Nova York.

Isolado em seu palácio romano povoado de objetos de arte, o Professor vê-se subitamente envolvido nos problemas duma intronometida e agitada família onde os interesses, a política e uma moralidade decadente são pretextos para mútuas descobertas. Mozart, a eloqüente presença de tantos quadros (“conversation pieces”), o trágico desfecho onde morre um dos rapazes.

Ambiente refinado, confinado, uma estranha fauna humana. Verdades de repente irrompem nos dois apartamentos do mesmo prédio — o do professor e o dos jovens. Dois universos estanques. Burt Lancaster compõe um personagem denso em sua angústia metafísica, soterrada no esplendor estéril e solitário que de repente explode.

“Ele é alguém que fugiu do mundo, dos homens e seus problemas” (Visconti).

Os demais são elementos deflagradores. Acusam-se mutuamente e mutuamente se explodem. Sem pudor. “Grupo de família” que retrata as tendências aristocráticas e as preocupações políticas do Duque marxista — Visconti — que foi condenado à morte pelo fascismo em 1943.¹³ Um testamento angustiado sobre a vida e a morte?... ao declarar:

“Eu gostaria de transmitir meu conhecimento aos moços. Todas as minhas tentativas terminaram em desastre”.

Poderia ser uma história de amor. A jovem Lietta confessa ao professor que, se um dos dois rapazes a engravidasse, ela não abortaria e lhe daria aquele filho. A certa altura ele diz: “Vocês me despertaram de um sono profundo, insensível como a morte”. Numa visão mais alta, é uma meditação. Evocativo. Simbólico. Realista. Trágico e belo. A morte e a juventude defrontam-se no mofo, na pátina, no formalismo, na corrupção, em nível superficial e profundo. Filme testamento de um agnóstico?

“Estou bem velho, mas sem medo de morrer. Será interessante ver o que há do outro lado. Deve ser como visitar uma outra família” (Visconti).

12. “Questo Gruppo di Famiglia in un Interno” (1974, Lucchino Visconti, 1906-1976).

13. Retratarou essa experiência e de como foi salvo no último momento, em “Giorni di Gloria”, documentário de 1945. “O Inocente” foi seu último filme.

Por que o texto de Mozart para ilustrar uma seqüência-chave —
“Vorrei spiegarVi, ó Dio!”?

Enquanto Konrad — ao professor que lhe diz: ... “os corvos voam em bando, a águia voa sozinha...” — replica, citando a Bíblia:

“O que vive só não terá ninguém que o ampare em sua queda”.

5 — “Apocalipse” 44

Superprodução, quatro anos de trabalho, trinta milhões de dólares. Problemas durante a filmagem nas Filipinas — um tufão, Martin Sheen (Williard) sofre um ataque cardíaco, Marlon Brando (Kurtz), pesando 120 kg, torce o tornozelo. Não obteve apoio nos EUA, mas foi premiado em Cannes. Retrato da loucura e brutalidade da guerra em geral e da presença americana no Vietnã em particular.

Uma condenação ilustrada desse conflito. Ficção?... Uma jornada ao inferno — Williard sobe o rio em busca do oficial americano que se embrenhara na selva com seus homens, sua loucura, seus remorsos. Punições sumárias, cadáveres nas escadas em ruína do templo budista. Enforcados em árvores... Um show aquático (do outro lado) para as guarnições fiéis, afrontando as vítimas... A corrupção sob várias formas.

Nesse inferno dantesco, Williard, encarregado de matar Kurtz, vai mergulhando lentamente. A lancha segue numa viagem interminável e ele descobre a realidade da guerra. Seus companheiros serão vítimas de emboscadas, da história coletiva. Rostos pintados, tatuagens, volta a um falso primitivismo. Em ritual exotérico o grupo fanatizado degola um búfalo e Williard cumpre sua missão depois que Kurtz, após o torturar, lança sobre ele a cabeça de um de seus companheiros. Kurtz queria ser eliminado — “... sua alma estava doente...”

Coppola declara: “— Meu propósito é mítico, honesto, pró-humano”. Nessa linha e apesar do tema, o estilo surrealista e outros elementos, descobre-se aí uma visão mais abrangente da condição humana. Todos nós temos nossos ídolos e demônios interiores, nossos preconceitos e fraquezas... Devemos morrer. Ou então: Kurtz é uma acusação viva contra a guerra — deve ser eliminado...

Efeitos fantasmagóricos, a longa seqüência do incêndio final da aldeia criam uma atmosfera “infernai”, enquanto a música de

14. “Apocalypse Now”, Francis Ford Coppola (1979), Palma de Ouro em Cannes, 1979.

Wagner acompanha a "cavalgada" dos helicópteros que destroem uma povoação, porque o comandante precisava daquela praia para distrair seus soldados com exhibições surfistas. Soldados histéricos metralham gente inofensiva. Crueldades se sucedem. A resistência...

Criticado, premiado, o filme vai às últimas conseqüências em sua denúncia. Libelo contra TODAS as guerras, vai ao fundo das consciências, do problema do bem e do mal. Grandiloqüente? Excessivo? Injusto? Confuso? ... Tem lapsos, fraquezas. Um ator mais expressivo teria dado outra dimensão dramática a Williard. Brando é o monstro sagrado que se sabe.

Hipocrisia. Desespero. Genocídio. Tentam-se justificativas. Williard mata por obediência. Kurtz perdeu o senso da medida do poder quando viu de perto "o horror" (suas últimas palavras ao morrer). Depois de 1968 continuamos a assistir a guerras e morticínios de populações indefesas, a corrida armamentista. As conclusões ficam com o espectador. Filme de guerra, tenta uma proposta metafísica sobre suas causas mas focaliza com mais precisão os meios empregados. A colocação *moral* do problema é indireta.

Já se falou e ainda se fala até de "guerra santa" (!) ... A Bíblia e a História descrevem lutas e atrocidades. O mal não é, portanto, de hoje e o cinema pode demonstrá-lo, dando forma aos demônios que continuam a instigar e desorientar a consciência humana.

Elementos simbólicos: o rio infestado de perigos. LSD e fugas psicodélicas dentro de vapores coloridos, gestos inesperados. Os rituais simultâneos de dois sacrifícios, o do animal e o de Kurtz. Helicópteros ("gafanhotos com peito de aço" — Apc de S. João) metralham, numa competição "esportiva", a escola da pequena aldeia. O olho de Williard perscruta "as trevas exteriores", o segredo do oficial demente. O povo aguarda que ele complete o ritual e surja como novo rei...

"O cinema é a força mais poderosa da época moderna. Vai tornar-se eletrônico (via satélite), criará os sonhos e as alucinações do futuro. Vai tornar-se, cada vez mais, a consciência coletiva e o elo que nos une a todos" (Coppola).

CONCLUSÃO

As propostas e análise de alguns filmes não dispensam estudos eruditos, mas ajudam na compreensão do fenômeno humano — esse "binômio ameaçado" por tantos perigos e que nem o progresso nem a permissividade conseguem proteger, libertar ou satisfazer. Não lhe trouxeram a felicidade nem a paz. Por quê?